as duas faces do objeto *a*

Isabelle Morin

No momento em que entrevemos a evolução de uma nova experiência de escola, o fim de análise e o passe são temas em pauta. Não há necessidade de demonstrar por que nossa escola deve se remeter ao trabalho sobre o fim de análise. A direção do tratamento necessita do passe para se verificar como orientar a análise. Atualmente, o passe faz parte da formação do analista, quer este o tenha feito ou não. É desejável que o passe tenha, no viés do trabalho da escola, uma influência sobre nossas práticas, incluindo-se as de supervisão.

Até o momento, nossos trabalhos seguiram as duas orientações de Lacan a propósito do fim do tratamento, restando discutir a identificação com o sintoma no fim de análise. Certamente podemos observar, acompanhando o ensino da clínica do passe, o deslizamento que concernia à fantasia e que não vinha necessariamente dos dados clínicos do passe. Esse deslizamento dizia respeito à travessia, a uma transposição, como se de repente não admitisse mais falar nisso. Dizia-se então que Lacan só falou nisso mais uma ou duas vezes, o que é verdade, mas esse argumento era utilizado por alguns como prova da dúvida a ser colocada nessa travessia. Ouvimos testemunhos de passe que não mais reivindicavam a travessia, às vezes sem dizer uma palavra sobre a fantasia, e até mesmo sem demarcar sintoma e fantasia. Retomando o que Lacan disse em Deauville: "Enquanto analista, é preciso estar singularmente mordido, principalmente por Freud, isto é, acreditar nessa coisa absolutamente louca a que chamamos inconsciente". Podemos observar que não basta acreditar no inconsciente para ser analista; trata-se de ter atravessado alguma coisa de inverossímil que o comprove. A fantasia é uma dessas construções inverossímeis.

Quanto a mim, adoto a posição de Lacan no *Seminário XI*, em sua afirmação de que "a transposição do plano das identificações é possível".[1] Ele acrescenta que aqueles que a viveram até o fundo o sabem, assinalando, desse modo, que a transposição é da ordem da experiência. Eu me pergunto se as condições de possibilidade dessa travessia são imputáveis à direção do tratamento, à relação do analisante com o real, com sua libido, ou às contingências do tratamento? Há um pré-

[1] Jacques Lacan. *O Seminário . Livro XI.*

requisito necessário? Em outras palavras, pergunto-me sobre a estrutura da fantasia a partir da invenção lacaniana do objeto *a*, que está no centro da fórmula da fantasia. Michel Silvestre disse que a fantasia é *uma formação da pulsão* e acho essa expressão preciosa para nos orientar.

Por que insistir nessa questão que, para alguns, pode parecer repetitiva? Pierre Bruno a reabriu no encontro de novembro de 1999 em Paris, e voltarei a ela no final. A transposição de que fala Lacan dá acesso ao fim do tratamento. É uma hipótese que pode parecer abrupta, mas nem por isso menos sustentável. A travessia não é o fim e, assim como o momento clínico do passe, não pode ser superposta ao fim. A travessia é apenas o gonzo da porta que gira para abrir o espaço da castração sem a cobertura do objeto *a*. Diante desse vazio deixado pela extração do objeto, o sujeito pode encontrar realmente a psicanálise naquilo que ela tem de mais crucial e decidir ocupar esse lugar para outros. É o mais além do rochedo freudiano da castração que tornou possível esse encontro. Se o gonzo não girar assim, temos que explicar por que a fixação da libido o impede e qual será o outro destino possível do gozo, para ter um outro fim. Um fim que não passe por essa transposição só será possível se for demonstrado e convincente. Poderemos então avaliar seus efeitos sobre a *produção* do analista.

No último período de passe na AMP, ouvimos uma tese sobre o fim de análise, uma tese truncada e com a qual não concordo, freqüentemente ouvida nos cartéis de passe, de sujeitos que enunciavam o objeto que eles tinham sido para o Outro, objeto reduzido a uma marca de gozo masoquista, e julgavam haver terminado o tratamento com esse saber, identificados com o que não mais estava recalcado. É um fim por identificação com o objeto e não com a análise. Essa nova tese, de um sujeito identificado com o objeto, não é o melhor augúrio para a futura posição de analista, mas pode sê-lo para uma política Unária.

No cerne da fantasia, e na escrita de sua fórmula, está o objeto *a*. Estamos habituados a falar desse objeto como de um objeto muito particular que causa o desejo, um objeto que não tem a visada do desejo mas está acima disso, posto que o causa, como Lacan desenvolve no seminário sobre a angústia. Estamos menos habituados a comentar sua outra face, que encontramos em "Kant com Sade", texto escrito no mesmo ano do seminário sobre a angústia. Nesse texto, Lacan conduz um debate com Kant e Sade, abordando outra face do objeto *a*, objeto patológico que se desvela para Kant e que Sade põe em cena. É o objeto

como meio de gozo. Suas duas faces são portanto a de objeto causa de desejo e a de objeto meio de gozo.

Em "Kant com Sade", o objeto *a* é o torturador, e não mais a vítima, como objeto de gozo do Outro. A ênfase não é colocada na castração como condição do desejo, mas no Outro da castração como meio de gozo. Vejamos a passagem do texto: "Sendo o objeto *a* da fantasia, se situando no real, o bando de torturadores pode ter maior variedade".[2]

Assim, temos dois momentos: em 1960, em "Subversão do sujeito", Lacan afirma que somente a fórmula da fantasia permite mostrar que o sujeito se faz instrumento do gozo do Outro; ele se faz objeto-causa.[3] Em 1962, essa nova abordagem do objeto dá consistência ao Outro da fantasia com a lei sádica de seu desejo. Na verdade, essa reviravolta não indica duas teses opostas, e sim a reviravolta própria da gramática da pulsão e da reversibilidade do objeto.

Podemos obter a estrutura dessa operação de separação? Em primeiro lugar, o que a fantasia nos ensina a respeito do gozo? Ela indica o mais íntimo, posto que é o mais inominável, do gozo do sujeito, isto é, quais são os significantes que fixam as imagens de seu gozo, e também a que Outro ele atribui esse gozo. A solução da montagem fantasística que assegura o gozo está no cerne da figura do Outro, que é a do pai real. A fantasia é essa encenação onde a castração está presente. Em seu curso de 1993, em 2 de junho, Colette Soler observou que se verifica, na fantasia, a castração como causa primeira e ineliminável do desejo. Mas podemos perguntar se essa castração presente na fantasia produz gozo, pois a castração é castração de gozo. Pierre Bruno, em sua intervenção na primeira jornada internacional, em novembro de 1999, falou do *fundo de real que exerce a castração*.[4] O que faz gozar exerce a castração, o que é homogêneo com o que Lacan diz em 1975, quando se pergunta: "extrair um gozo da castração, será isso o gozo-a-mais?".[5] Ele acrescenta que a castração é um gozo porque nos livra da angústia, dado que na fantasia não há angústia mas apenas garantia de gozo.

Essa orientação pode parecer enigmática mas é fundamental, pois mostra a equivalência entre o pai real e o objeto *a*. O analista deve conduzir o analisante a uma separação entre o valor do gozo do objeto *a* e sua versão do pai para ir além da fantasia. De resto, podemos observar que na fórmula final da fantasia freudiana — "bate-se numa criança" — a figura do Outro do gozo está elidida. Freud responde a esse inverossímil da fantasia com o masoquismo originário, ou seja,

[2] Jacques Lacan. Kant com Sade.

[3] Jacques Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo.

[4] Bruno. Au moins deux. *L'école de psychanalyse.*

[5] Jacques Lacan. Carta XVIII, EFP.

com o gozo. No tratamento, como acompanhar essa separação, esse distanciamento entre as figuras do Outro e esse *a* de gozo, para que o analisante perceba que não é objeto *a*, nem causa, nem meio? Como permitir essa desidentificação? Veremos que a simples percepção do objeto nos deixa longe de uma solução, pois visamos a uma desidentificação.

Sabemos que a transferência é o pivô do tratamento, afastando a pulsão da demanda. Essa primeira operação permite ao analisante pôr em ação a realidade sexual de seu inconsciente, que passa pela identificação com o objeto. O pivô é um eixo em torno do qual isso gira. Na transferência, o giro do objeto se faz com a pulsão. Uma interpretação do analista ou a contingência de um encontro fazem girar o eixo e a outra face do objeto aparece. O sujeito muda de lugar e de objeto-causa que ele acreditava ser, e subitamente imagina ser meio de gozo até então ignorado. O analista, parceiro no tratamento, segue o movimento inverso e se recoloca como semblante de objeto-causa. Por exemplo: o analista não deve fazer nada que possa colocá-lo, na transferência, no lugar do torturador, pois isso fixaria o analisante no lugar da vítima, onde este sempre apela ao analista para gozar.

Para atravessar o plano das identificações, é preciso perceber o giro do objeto. A identificação com o objeto-causa não basta; o sujeito deve passar pela identificação com o objeto como meio de gozo. Se o analisante se dá conta de que, enquanto sujeito dividido ($), isto é, sujeito do inconsciente, também pode ocupar o lugar de A, figura imaginarizada de um Outro que impõe sua lei, isso despe o objeto *a* de qualquer figura apoiada no Outro. Trata-se de concluir um descolamento da figura do Outro e do objeto *a* para que reste o valor de gozo desse objeto. Pierre Bruno, nessa mesma intervenção em novembro, propôs que *a retenção de um objeto no Outro implica um agente da castração que não esse Outro. O objeto* a *enquanto causa de desejo implica a ação de* a *enquanto agente da castração.* É exatamente o que mostra o enredo sadiano. Esse dar-se conta da montagem fantasística, por meio de uma desidentificação brutal com as duas faces do objeto, produz um golpe no Outro que o faz perder a consistência.

A percepção dessa montagem ainda não é a travessia. É o distanciamento entre a transferência e o desejo do analista que permite a desarrumação do objeto numa espécie de desprendimento necessário, mas contingente. De fato, o desejo do analista enquanto *x* enigmático visa a obter, por meio de seu ato, a diferença absoluta.

A diferença absoluta conduz à desidentificação. É quando a transferência deixa perceber a identificação com o objeto. Às vezes, se as contingências do tratamento não são provocadas, é preciso uma pequena manobra do analista para enfraquecer seu lugar na transferência. A travessia é o instante em que alguma coisa se afrouxa. É a irrupção, no pensamento, de um "eu não era isso!" que tem uma conseqüência radical. Atravessar o plano das identificações retira da existência do sujeito o peso do ser pulsional. Esse gozo próximo da coisa está no cerne do ser mas o sujeito passa a saber que, enquanto sujeito, ele não se reduz a isso. Ele atravessa o *so es war soll isch werden*. Lá onde estava isso, eu posso advir nessa separação do objeto, súbita e radical. O *isso* permanecerá como uma marca, uma cicatriz de gozo, desde sempre lá, mas o sujeito poderá fazer uso dele sem o ser.[6]

Há uma inadequação de estrutura entre o pensamento e a realidade do sexo. É o que produz nossa inibição de pensar. Lacan diz, no *Seminário XI*, que "a pulsão é a montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica".[7] O impacto do simbólico produz um furo traumático (*troumatisme*) que provoca a apreensão do real. É precisamente com essa percepção do *a* como real que a fantasia se reduz à pulsão desembaraçada de uma parte de Eros.

Terminarei abordando rapidamente as conseqüências da versão do fim do tratamento despojado da percepção das duas faces do objeto. As conseqüências não são negligenciáveis, posto que a fantasia parcialmente percebida implica o risco de permanecer ativa no sujeito que se tornou analista. Ele corre o risco de dirigir o tratamento não só com sua fantasia, mas com a idéia que ele tem da fantasia. Há o risco de produzir uma nova versão de analistas identificados com o objeto, o que deixa pouca liberdade para pensar sem um Outro ideal. Os tratamentos interrompidos nesse ponto não permitem tratar a relação com o Outro. O sujeito deve extrair as conseqüências da inconsistência do Outro para concluir no real que lhe concerne em sua dimensão de impossível. Se o analisante quer, a todo custo, manter a existência do Outro de outra maneira, é um retorno ao ponto de partida, tendo como conseqüência o risco de se acreditar, como diz Lacan em ...*Ou pior*, no "ao-menos-eu" na comunidade de trabalho.

[6] Conceito da *Klesis* em S. Paulo.

[7] Jacques Lacan. O *Seminário. Livro XI.*



Traduzido por Ângela Lobo